

LUGARES NO MOVIMENTO: EXPERIÊNCIAS ESTUDANTIS NA MIGRAÇÃO PENDULAR PARA O CAMPUS X – UEPA/IGARAPÉ-AÇU (PA)¹

Places in move: student experiences in commuting migration to the campus X - UEPA/Igarapé-Açu (PA)

Felipe Ferreira Moreira²

RESUMO

No município de Igarapé-Açu, Estado do Pará, está localizado o Campus X, da Universidade do Estado do Pará, para o qual, vários estudantes universitários empreendem diversos tipos de migração, entre as quais, a migração pendular. O objetivo central deste estudo foi compreender as reestruturações nos sentidos de lugar dos estudantes-migrantes em seus espaços de trânsito/enraizamento, dentro de uma dinâmica pendular diária para Igarapé-Açu. Utilizando o método fenomenológico, entrevistamos quatro estudantes-migrantes para compreender como este fenômeno migratório aponta caminhos que indicam implicações nas experiências de migrantes pendulares em meio a um cotidiano de intensa mobilidade, responsável por (re)estruturar percepções e significações sobre os sentidos dos lugares em meio ao trânsito constante. Percebemos novas rotinas e significações nas relações dos migrantes com os lugares, com as pessoas e com o próprio ato de morar, terminando por fomentar percepções de transitoriedade enquanto espacialização de instabilidades e ressignificações nas relações migrante-lugar.

Palavras-Chave: Migração pendular. Estudante-Migrante. Lugar.

ABSTRACT

In the municipality of Igarapé-Açu, State of Pará, is located the Campus X of Pará State University, for which several college students undertake various types of migration, including the commuting. The main objective of this study was to understand the restructuring in sense of places of students-migrants in their transit/rooting spaces, within daily commuting momentum to Igarapé-Açu. Using the method phenomenological, we interviewed four students-migrants to understand how this migration phenomenon points out ways that indicate implications on the experiences of commuting migrants amid a routine of intense mobility, responsible for (re)structuring perceptions and meanings on sense of place amid the constant traffic. we noticed new routines and meanings in relations of the migrants with the places, the people and the very act of living, eventually foster perceptions transience while spatial instabilities and new meanings in migrant-place relations.

Key-Words: Commuting. Student-migrant. Place.

1 Este artigo é fruto de aprofundamentos e desdobramentos que resultaram na pesquisa: "Vivências e experiências pendulares: Lugares e deslugares na migração universitária para o Campus X - UEPA/Igarapé-Açu (PA)" - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Universidade do Estado do Pará, Igarapé-Açu, 2015, que contou com orientação da Profª. Msc. Laís Rodrigues Campos, e co-orientação do Prof. Msc. Wallace Wagner Rodrigues Pantoja.

2 Agente de Pesquisas e Mapeamento na Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia/Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal – PPGEAA/UFPA. Graduado em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. ffm_kimera@hotmail.com.

✉ Rua do Paraíso, S/N, Bairro Vila Nova, São Francisco do Pará, Pará. 68748-000.

CONTEXTO MIGRANTE-ESPACIAL DA PESQUISA: MUNDO-NO-SER, MIGRANTE-NO-MUNDO

Sempre estar lá
E ver ele voltar
Não era mais o mesmo
Mas estava em seu lugar [...]

O Astronauta de Mármore – Nenhum de Nós

Tal como indica o trecho da música, como é possível alguém “sempre estar lá”, mas ao mesmo tempo “voltar”, e ainda concluir que “estava em seu lugar”? Sobretudo quando se concebe esse “lá” como algo sempre além, no horizonte, fora de rotinas mais próximas. Por outro lado, será que há de fato dúvidas sobre a ocorrência de tal fenômeno, sabendo dos atuais tempos de profunda fluidez, onde percepções espaciais e existenciais das pessoas são marcadas pela fluidez e frouxidão da técnica, do mercado de trabalho, do viver (BAUMAN, 2007)?

Para analisar este contexto de fluidez, segundo autores como Heidemann (2004) e Jardim (2007), se faria necessário a observação da economia e das estruturas da sociedade local como “molas” propulsoras de um dado fluxo migratório e as suas eventuais consequências nas configurações territoriais. Porém, para esta pesquisa, buscamos algo a mais, para além deste arcabouço teórico intensamente propalado e recorrente nos diversos estudos populacionais, nos propondo a buscar dimensões pouco discutidas, principalmente em termos geográficos, mas que julgamos fundamentais: migração e fenomenologia. Nesta busca, encontramos Dal Gallo (2010) apontando para a dimensão existencial do indivíduo e dos grupos sociais mobilizados, onde intensas implicações sobre a dimensão do simbólico e do identitário revelam um âmbito do fenômeno migratório que leva em conta a experiência de agentes espaciais e seus diversos deslocamentos.

Decidimos somar à discussão destas dimensões a pendularidade, pois percebemos este fenômeno envolvendo e atingindo o município de Igarapé-Açu, situado na mesorregião Nordeste Paraense, no Estado do Pará, onde há intenso movimento migratório estudantil devido à instalação do Campus X da Universidade do Estado do Pará (UEPA), fundado em 1998, o qual acolhe grande número de alunos dos mais variados municípios paraenses, conotando um símbolo da fluidez espacial das populações na região. A UEPA de Igarapé-Açu surge como forte ponto de referência para migrantes estudantis, sejam temporários ou permanentes, dos mais variados municípios e localidades paraenses. Os dados apresentados pela tabela 01 demonstram a dimensão estrondosa de uma realidade de intensa migração intermunicipal que ocorre em direção à Igarapé-Açu por ocasião dos estudos no Campus X, nos cursos de Pedagogia, Matemática, Geografia e Ciências Sociais.

Comparando o número total de matriculados da Instituição com o número de discentes oriundos de outras localidades, percebemos a disparidade entre a quantidade de acadêmicos que são residentes e/ou “naturais” do município no qual se insere o Campus da UEPA e os migrantes que, ou são oriundos de outros municípios, mas por conta dos estudos moram em Igarapé-Açu, ou migram dos seus municípios de residência diariamente. Isso significa um considerável grupo social mobilizado para desenvolver uma específica atividade, fomentando vivências em grande parte norteadas e imersas em fluxos que têm como polo de atração o espaço universitário da UEPA em Igarapé-Açu.

Ao observarmos os movimentos populacionais que seguem em direção ao Campus da UEPA, temos uma gama de agentes que atuam sobre essa sub-região amazônica, em grande parte pessoas que buscam em outras cidades condições para contornar um contexto de ínfima e desigual distribuição de equipamentos públicos na área da educação, principalmente em cidades do interior paraense. Pessoas

CIDADE	Nº DE ACADÊMICOS	
	2013	2015
Igarapé-Açu	125	210
Castanhal	113	205
Maracanã	12	18
Santa Isabel do Pará	10	14
São Francisco do Pará	11	23
Magalhães Barata	2	4
Capanema	6	10
Belém	9	10
Ananindeua	2	5
Bragança	-	4
São Domingos do Capim	2	4
Irituia	-	1
Santa Maria do Pará	9	11
Nova Timboteua	-	4
Santa Luzia do Pará	-	3
Curuçá	1	3
Augusto Correa	1	3
Salinópolis	2	5
Peixe Boi	1	4
Terra Alta	-	2
Inhangapi	1	2
Ipixuna do Pará	1	1
Marituba	1	-
São Miguel do Guamá	6	10
Capitão Poço	3	4
Igarapé-Miri	-	1
Santo Antônio do Tauá	2	3
São João de Pirabas	-	1
Primavera	2	4
Vigia	-	1
Breves	-	1
Moju	1	-
Barcarena	1	2
Benevides	-	1
Abaetetuba	-	1
TOTAL DE ALUNOS QUE NÃO SÃO ORIUNDOS DE IGARAPÉ-AÇU	199	366
TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS NO CAMPUS	324	576

Tabela 01: Número de matriculados/matriculadas no Campus X a partir dos municípios de residência (2013 e 2015)

Fonte: UEPA - Campus X/Igarapé-Açu (2013, 2015) – Adaptada pelo autor.

visualizadas por diversas vezes como meras integrantes do mercado de trabalho, ou mesmo aspirantes a ele, os quais Haesbaert (2008) propõe como deslocados involuntários, forçados ao movimento, envolvidos de maneira intrínseca à insegurança e imprevisibilidade, mas que também carregam consigo a produção de espaços múltiplos onde “funcionalidade”, cultura, desejos e vivências promovem encontros/ choques de individualidades.

Nestes termos, temos municípios entendidos nesta pesquisa como espaços atravessados por trajetórias vividas para além de mensurações e dados populacionais estatísticos, o que demandou um interpretar os fluxos como espacialização dos diversos riscos, sonhos e sentidos de uma migração vivida. Tendo consciência deste ato de pesquisar, o próximo passo foi delimitar as investigações da pesquisa em estudantes que realizam a migração pendular de seus municípios de origem residencial rumo à Igarapé-Açu, considerando juntamente com Merleau-Ponty (1999, p.149), que é possível visualizar melhor o ser habitando no espaço a partir do seu movimento “porque o movimento não se contenta em submeter-se ao espaço e ao tempo, ele os assume ativamente, retoma-os em sua significação original”.

Para uma melhor compreensão do entendimento dos migrantes universitários sobre suas experiências e vivências pendulares, a partir deles mesmos, elegemos entrevistas abertas ou em profundidade com estudantes que vivem diariamente em trânsito para a UEPA de Igarapé-Açu. Na verdade, para além do termo “entrevista”, melhor seria falar de **conversas com finalidade**, classificadas como abertas ou em profundidade porque foram norteadas pela definição de Minayo (2009, p.64), que as expõe como aquelas “em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões.”

Para seguir tal formulação, tentamos nos limitar o máximo possível a fazer perguntas apenas para iniciar o diálogo com os/as estudantes, prosseguir as conversas quando as entrevistas esgotavam certos assuntos e aprofundar outros questionamentos surgidos durante a fala de entrevistados e entrevistadas. O fato de estudar no Campus nos ajudou a encontrar, contatar e ter certa confiabilidade com estudantes-migrantes da UEPA de Igarapé-Açu, a ponto de permitirem que as conversas transcorressem em suas residências, nos seus municípios de origem, com disponibilização de tempo o suficiente para não ocorrer retorno em nenhuma das conversas, um período que compreendeu do mês de dezembro de 2014 a fevereiro de 2015.

As conversas ocorreram com quatro estudantes-migrantes dos cursos de Geografia e Pedagogia, residentes das cidades de Santa Isabel do Pará, Maracanã, São Francisco do Pará e Castanhal, um migrante por município, identificados respectivamente como estudante-migrante 1, 2, 3 e 4, garantindo anonimato para evitar eventuais constrangimentos. Acompanhamos por meio das suas narrativas, suas trajetórias para o supracitado estabelecimento de Ensino Superior, nos utilizando, para uma melhor compreensão do fenômeno, do método que se propõe fenomenológico. Os quatro diálogos se mostraram abrangentes o suficiente das experiências migratórias, pois procurei investigar a migração pendular estudantil sem perder de vista que a utilização de entrevistas, numa perspectiva humanística/cultural em Geografia, para além de quaisquer generalizações:

[...] permitem que a partir da narrativa da pessoa reconstituamos sua trajetória de vida: os lugares em que viveu, suas experiências tofóbicas e tofílicas, percepções e sentimentos etc. A história migratória serve

de fio condutor da biografia da pessoa no espaço e no tempo. [...] A entrevista [...] toma o caráter de conversa: ato recíproco e contínuo que pressupõe uma disposição diferente do pesquisador diante de seu informante. [...] Uma conversa tem a vantagem de permitir esses laços, já que a diretriz do conhecer supera a determinação de uma lista de perguntas (MARANDOLA JR., 2008, p.110).

Entrevistamos quatro alunos e alunas, de quatro municípios diferentes, mas partilhantes em comum de uma vida transitada pelo emaranhado de rodovias que possibilitam a ligação diária entre as cidades em questão neste estudo, como podemos constatar na Figura 01.

Das cinco cidades destacadas no mapa, Castanhal se destaca por ser considerada centro sub-regional e uma cidade média, tanto por conta

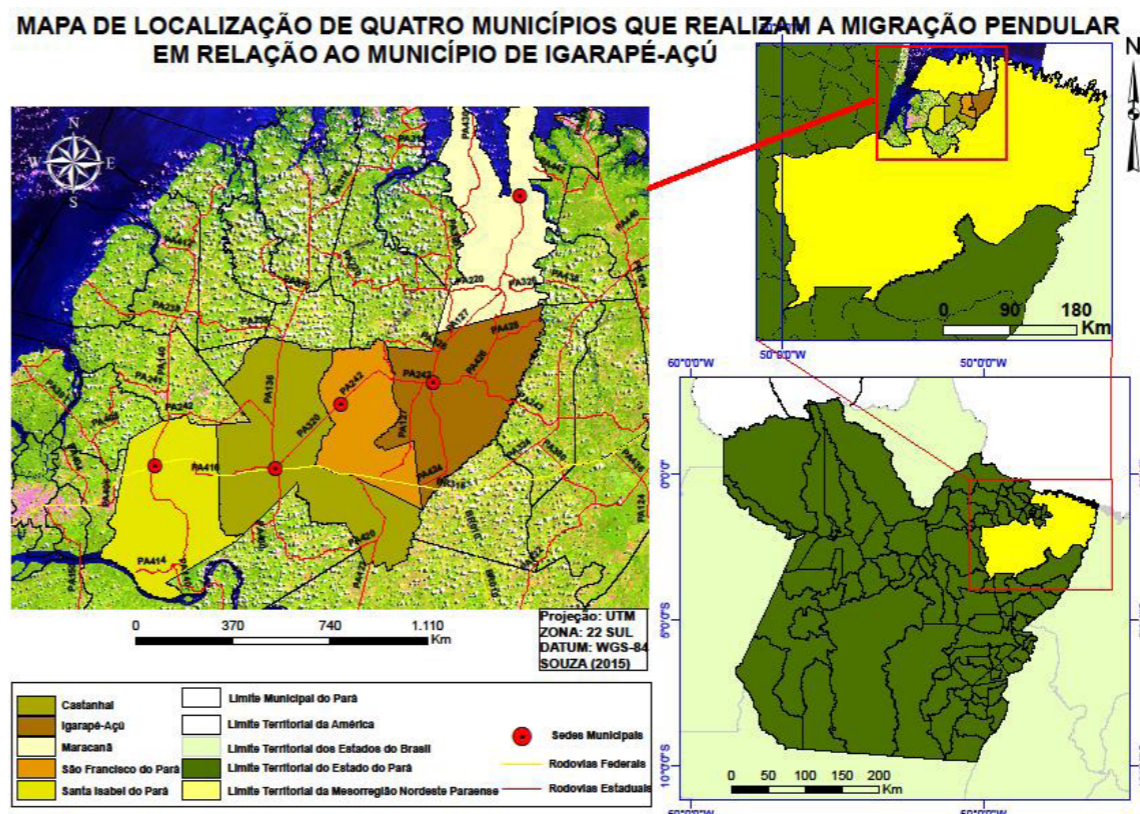


Figura 01: Mapa das ligações rodoviárias entre as cidades de Santa Isabel do Pará, Castanhal, São Francisco do Pará e Maracanã com Igarapé-Açu

Fonte: Fabricia Souza (2015)

do tamanho da sua população, quanto por apresentar âmbitos de polarização em relação a estrutura produtiva, mercado de trabalho e importância política na região (TRINDADE JR, 2011). A população de Castanhal é em torno de 189.784 (cento e oitenta e nove mil setecentos e oitenta e quatro) domiciliados (BRASIL, 2015a).

Já os municípios de Igarapé-Açu, com 21.207 (vinte e um mil duzentos e sete) habitantes, São Francisco do Pará, com 15.380 (quinze mil trezentos e oitenta) habitantes, Maracanã, com 28.656 (vinte e oito mil seiscentos e cinquenta e seis) habitantes e Santa Isabel do Pará, com 66.490 (sessenta e seis mil quatro centos e noventa) habitantes (BRASIL, 2015a), são taxados como cidades de porte pequeno quando levamos em consideração os parâmetros populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo que destes, apenas Igarapé-Açu possui instituição de Educação Superior regularizada e efetivamente autorizada a funcionar pelo Ministério da Educação (MEC), no caso, o Campus X da UEPA (BRASIL, 2015b).

As experiências migratórias nestas/entre cidades podem levar a rupturas entre o conhecimento e o significado sociocultural que estudantes carregam consigo, seja como grupo ou como indivíduo. Estar diariamente vivenciando experiências no município de origem e no município de estudos é um fenômeno que implica reestruturação nos lugares vividos, (re)constituindo percepções por conta de uma vida em intenso movimento, que podem gerar no migrante um processo de criação e ressignificação de lugares onde se reconheça, mas pode levar também, ao afloramento de sensações de estranhamento³, ruptura, deslocamentos dos sentidos de migrar e **estar**, etc.

³ Uma breve pesquisa nos revelou vários conceitos de “estranhamento”, entre os quais, o de Hegel, apontado por Barbosa (2010). Para esta pesquisa, porém, corroboramos e nos atemos à proposição de Koneski (2007, p.15, grifo no original) quando afirma: “chamaremos de **estranhamento**, essa sensação de que se prefere falar de um lugar que está além ou à margem do mundo [...] a experiência como relação com o desconhecido, com o que há de ‘absolutamente Outro’, que se traduz no estranhamento e na interrogação sobre o limite”.

Estas considerações iniciais terminaram por nos colocar um questionamento a ser respondido: De que forma as experiências da constante transitoriedade reveladas pelo migrante pendular, influirão na (re)construção e/ou (des)agregação dos lugares nos espaços de trânsito/enraizamento?

Para alcançar eventuais respostas a esta problemática, traçamos como objetivo: compreender as reestruturações nos sentidos de lugar dos estudantes-migrantes em seus espaços de trânsito/enraizamento, dentro da dinâmica pendular diária para o município de Igarapé-Açu. Antes de partir incisivamente para a fala dos estudantes-migrantes, porém, julgamos necessário colocar algumas abordagens fenomenológicas sobre o lugar como categoria geográfica e algumas definições de pendularidade, para começar a desvelar as dimensões simbólicas dos lugares se desorganizando e reorganizando em uma vida diária dentro de um constante fluxo.

MIGRAÇÃO E LUGAR: ABORDAGENS E INTENCIONALIDADES NA PESQUISA

Jardim (2007) aponta que a pendularidade tem como conceito característico a mobilidade populacional entre local de domicílio e local de desenvolvimento das atividades (trabalho, estudos) em um período determinado, onde as análises sobre tal fenômeno não devem estar desvinculadas dos processos de urbanização que, por sua vez, não se separam “do estudo da mudança social e do desenvolvimento econômico” (HARVEY, 2005 apud JARDIM, 2007, p.1). Sinalizamos, entretanto, que a migração pendular precisa cada vez mais incorporar em suas discussões elementos essenciais para se pensar a experiência migrante, visto que, toda esta espacialização populacional não é apenas ligação entre ponto A e ponto B, local da casa-local das atividades, mas é portadora de trajetos recheados de sensações e sentimentos que

pavimentam estilos de vida e estruturam a vida diária (MARANDOLA JR., 2008).

É a partir desta última reflexão, principalmente, que pensamos a ocorrência sistemática do fenômeno migratório de universitários e universitárias rumo ao Campus da UEPA de Igarapé-Açu, fenômeno que engendra um espaço de narrativas e histórias com peculiaridades estudantis, guiado pela cotidianidade **pendular de vidas que transcorrem às margens primordialmente de rodovias**. Compreender estas experiências e vivências, se mostra fundamental ante lugares ressignificados por viagens diárias “que se esvaem na janela de um veloz automóvel, indo com elas seus sentidos, suas possibilidades” (ITABORAHY, 2013, p.40).

Mondardo (2007) afirma que na atualidade já não cabe um direcionamento uno para pensar as migrações, sendo necessário incorporar novos elementos para buscarmos melhor entender a mobilidade, o que por vezes exporá novos elementos culturais, relações do Eu com o Outro, elementos psicológicos, identidades etc. Estes elementos, por conseguinte, irão abrir portas para compreensão das dimensões e os reflexos no indivíduo de todo um sistema de alteridade(s) proveniente de choques/encontros nos seus lugares.

É vital compreendermos os elementos essenciais deste fenômeno migratório para pensarmos as experiências do migrante, chegando a considerações que rompam os simples reflexos materiais e apontem caminhos para o enfrentamento das implicações nas experiências cotidianas dos estudantes, com seus riscos, sonhos e esperanças. Sobre esta migração vivida, Marandola Jr.; Dal Gallo (2010, p.409) explanam que:

[...] migrar é sair do seu lugar, envolvendo processos de redefinições das territorialidades, que não são necessariamente sucessivos nem ordenados. Que significa, para a constituição

da identidade e do eu, o rompimento da ligação original ser-lugar natal? Em termos ontológicos, há um abalo na segurança existencial e na identidade territorial que precisa ser compreendido como elemento central do processo migratório.

Neste sentido, a fenomenologia se apresenta como um caminho metodológico que pode impulsionar, dentro dos estudos geográficos, a olhar as populações em uma rede de imbricados simbólicos caracterizados pela reestruturação do seu modo de viver o espaço. Para tal entendimento, o enfoque desta pesquisa partiu de um exercício fenomenológico que abrangeu narrativas e vivências que se inserem e formam um conjunto de lugares e itinerários, tomados como centrais para pensar o ser, tornando possível entender reverberações fenomênicas que vão de macro escalas sociais a escalas marcadas por personalidades que dão formas às experiências espaciais no cotidiano (MARANDOLA JR., 2008).

Enfocamos primordialmente o lugar como categoria geográfica para discutir tais reverberações, nos reportando a Buttimer (2015), que apresenta os lugares como centros de relações construídos pela existência de vários âmbitos que dão significados às interações e ligações estabelecidas neles: simbólico, emocional, cultural, político e biológico. Cabe ressaltar que as pessoas não engendram apenas olhares intelectuais, imaginários e simbólicos para os lugares de suas vivências, mas também estabelecem neles pontes entre suas personalidades e o meio social no qual estão inseridos, formando redes de relacionamentos embasados nos lugares que espacializam sua cotidianidade.

As reconstruções, desconstruções e até mesmo instabilidades dos indivíduos frente aos lugares com as características apresentadas pela autora, irão se defrontar com todo o aparato fluído que demanda um processo migratório, a começar com os sentidos de lugar antes

amplamente conhecidos e reconhecidos pelas populações deslocadas, mas passíveis de abandono por ocasião do fluxo. Os variados tipos de migração precisam ter interpretações que não ignorem os sentidos de lugar de um indivíduo, enquanto parâmetro confiável para uma maior aproximação dos níveis de satisfação e/ou insatisfação que determinado lugar suscita na vida de um ser humano (BUTTIMER, 2015).

Tal marco decisório do indivíduo é fundamental para entender o olhar migrante por todos os ângulos possíveis, em conjunto com sua intencionalidade e volição, pois:

Quando o ser sai ao mundo, sua intencionalidade faz com que ele se volte e relacione com dados elementos sensoriais. Essa atenção faz com que sejam percebidos e sentidos. Por meio de um processo cognitivo, esses elementos são entendidos e significados. Como desdobramento o ser reuni elementos significativos. A intencionalidade e volição, pode se dizer, são o ponto de partida para o surgimento da especificidade constituinte dos lugares (DAL GALLO, 2010, p.60).

A constituição ou reconstituição dos lugares, em se tratando dos migrantes pendulares, trará como especificidade para estudantes e/ou trabalhadores que realizam a pendularidade, não vivenciar uma cotidianidade marcada por uma migração definitiva de seu local de origem, ou por um processo de permanência por longos períodos com retornos esporádicos para seu local de origem, mas, todo um processo que o faz experimentar diariamente seus lugares e lugares alheios, ainda que de modo intensamente transitório.

Um viver caracterizado pela constante travessia e pela transitoriedade dos significados das lugaridades, tidas por Holzer (2013) como expressões exatas das interações dialógicas entre lugares, trajetos íntimos do cotidiano e os indivíduos, estes últimos,

nesta pesquisa, enfocados como migrantes em movimento diário pela percepção de poderem (re)construir sua realidade, a sua espacialidade. O ímpeto na busca por uma melhor espacialidade, entretanto, tem um inegável viés de possibilitar também um processo de “embriaguez” marcado pela perda de sentido nos lugares, ou seja, uma transitoriedade marcada fortemente por riscos e dificuldades nas relações ser-lugares devido ao constante movimento.

A migração pendular caracteriza, nestes termos, cores fortes e dramáticas de uma transitoriedade que incita as vivências e experiências das populações a se fundamentarem diariamente em processos cada vez mais fluídos. Processos socioespaciais onde os horizontes de alcance pelos quais se deslocam para estudar e/ou trabalhar, tem mais importância do que a intimidade doméstica, colocando, por conseguinte, em xeque os lugares enquanto imprescindíveis referenciais em uma superfície topológica (BUTTIMER, 2015).

Lugares que podem sofrer um processo de desagregação de sentidos porque segundo Marandola Jr. (2008), os significados de segurança e estabilidade do habitar, fixidez e pausa necessárias diante do migrar, passam por um profundo processo de modificação dentro da fluidez espacial contemporânea, esta pensada a partir das reconstruções, desconstruções e até mesmo instabilidades quanto às lugaridades ao redor de migrantes pendulares. Estes são postos seguidas vezes ao dia diante das experiências de um mosaico de sensações relativas a um cenário de pendularidade, que por mais que façam parte de rotinas e cotidianidade já tidas como necessárias, se revelam em trajetórias marcadas por percepções tanto de aventuras como desventuras nas relações local de origem-local de destino.

Processos de construção/desconstrução/reconstrução baseados na pendularidade, nos quais, estudantes-migrantes precisarão da maneira que puderem, espacializar sua existência em lugares onde é preciso

enfrentar a constante percepção de transitoriedade/eventualidade, com paradoxos de ter residência fixa, mas ao mesmo tempo tão pouco vivida diariamente; de habitar lugares onde consideram **estar** presentes, mas ao mesmo tempo tão ausentes; lugares onde construíram estabilidade por toda uma vida, mas ao mesmo tempo, acometidos em seus sentidos pela instabilidade espacial do constante ir-e-vir.

EXPERIÊNCIAS ESTUDANTIS NO LUGAR: LAR E CIDADES DE ORIGEM NO TRÂNSITO PENDULAR

Vou-me embora pra Pasárgada
 Vou-me embora pra Pasárgada
 Aqui eu não sou feliz
 Lá a existência é uma aventura
 [...]

 Em Pasárgada tem tudo
 É outra civilização [...]

Vou-me Embora pra Pasárgada – Manuel Bandeira

Na ânsia de compreendermos as experiências nos lugares em meio ao fenômeno pendular, encontramos nexos entre a cotidianidade daquele com a “Pasárgada” idealizada por Manuel Bandeira, pois percebemos perspectivas que em muito lembram o imaginário migrante que, por vezes, encaram os locais de destino como espaços que “tem tudo”, verdadeira “outra civilização”, condições para a própria existência, em face dos locais de origem suscitarem sentimentos de “aqui eu não sou feliz”. O migrante pendular precisa lidar com a instabilidade como fenômeno inevitável da/na sua espacialidade e que interfere na reconstrução da sua relação com os lugares, haja vista, a busca contínua de uma realidade socioespacial nos moldes de “Pasárgada”.

O estudante-migrante 2 demonstra esta busca e reconstrução nos/dos lugares acontecendo num âmbito de proteção/exposição: “Aqui [em casa] eu acredito que sinto mais cansaço físico porque é o local de repouso [...] na UEPA, algumas vezes, [...] é inevitável a gente não sentir o cansaço, nas viagens... mas o cansaço mesmo é quando a gente tá em casa”. A migração o expõe a um mundo externo marcado pelo cansaço que vilipendia diariamente seu corpo e a casa é um mundo interno que constitui certa sensação de proteção, por oferecer repouso que possibilita o descanso diante da rotina de deslocamento intermunicipal constante, permitindo ao migrante se refazer e angariar novas forças.

O mundo externo vivenciado a partir da migração, afeta diretamente os significados da residência, onde notamos a percepção de que a casa é o melhor local para **estar**, principalmente porque o lar é assumido como proteção contra as agressões ao corpo vindas da externalidade extremamente caracterizada pelo fluxo. A casa como lugar de proteção manifesta-se ainda mais, quando o migrante mede a intensidade do seu cansaço comparando com a estadia no Campus da UEPA: é permitido pelo corpo maior cansaço em casa porque lá é entendido como o lugar certo para repousar, é o “local de repouso”, enquanto na UEPA e durante as viagens há a necessidade de *estar* em pleno movimento, empenho e esforço.

Nestes termos, o corpo age com perspectivas de seletividade espacial, que propomos como fenômeno que demarca os espaços onde o migrante pode mostrar-se mais frágil, mais dependente da proteção dos lugares mais familiares, e onde é preciso, ao menos, aparentar estar sempre preparado para alcançar as metas que justifiquem a migração. Estas percepções tomam contornos de justificativa contra possíveis sentimentos de colocar em xeque a ida diária à Igarapé-Açu, melhor

enfrentando as viagens que afastam a presença dos migrantes de lugares amplamente conhecidos, pois o contato com lugares íntimos:

Às vezes é rico, às vezes é fraco, mas é uma inescapável parte do ser. Um lugar é a especial **reunião** que, em sentido geográfico, reúne a fisionomia de lugar, atividades econômicas e sociais, história local e seus significados. Em sentido mais psicológico, reunião integra nosso corpo, o estado do nosso bem-estar, a imaginação, o envolvimento com os outros e nossas experiências ambientais (MALPAS apud RELPH, 2012, p.29, grifos no original).

Por mais que o significado de lugar como reunião nas rotinas e experiências na cidade de origem tenha sido atingido, o que resta de sua vida anterior à migração ainda encontra ressonância na estadia que, embora limitada pelo ir-e-vir entre cidades, ainda guarda resquícios do pertencimento outrora tão comum em espaços como o lar.

Dartigues (1992), inclusive denota, a partir de Emmanuel Lévinas, as relações intrínsecas entre o desfrutar do prazer de **estar** em casa e a capacidade de se buscar a satisfação de estar acolhido, para que haja um desejo e afetividade na intimidade do viver. As turbulências da pendularidade, porém, propõe repensar a própria corporeidade do migrante nos lugares de origem reconhecidos como referências de seu mais íntimo acolhimento, haja vista, estes lugares estarem diretamente respondendo, a parâmetros desenvolvidos a partir do cotidiano construído em espaços onde se desenrolam apenas atividades que oferecem condições estruturais para sua sobrevivência.

Para Braga (2010), todo este cenário ganha contornos onde a habitabilidade do lugar, tomado como protetor, precisa ser debatida para além de um espaço envolto em afetividade onde o indivíduo se sinta bem: é atualmente, mais do que nunca, necessário que se manifeste também como defesa contra percepções marcadas pelo perigo e risco de se considerar exposto à rotinas degradantes. O

caráter de espaço que abriga os lugares reconhecidos e familiares, angariado pelo município de origem de um migrante, é envolto por uma cotidianidade pautada no deslocamento, e dentro deste fluxo diário pode se tornar muito mais um abrigo com projeções apenas de descanso à serviço da pendularidade.

Os processos de reconstrução destas concepções de lugar em meio ao fluxo diário emergem para a estudante-migrante 4, com enormes discrepâncias no entender dela sobre ter uma casa em Castanhal, onde nos informou que reside, na atualidade, principalmente por conta dos estudos, devido a proximidade com Igarapé-Açu, e ter uma casa em São Domingos do Capim, onde residiu grande parte de sua vida: “[...] me considero capinense porque a minha família é toda de lá, mesmo que um dia eu vá embora [de Castanhal], [...] lá [São Domingos] é nossa casa, aqui tudo é alugado [...] pra mim, a minha casa é essa daqui, mas lá é a casa da minha família, é totalmente diferente”.

São Domingos do Capim é lugar da “nossa casa”, do lar apropriado e reconhecido como responsável por fazer a migrante está intimamente ligada a uma cidade por inteiro, sendo expressa como a “casa da minha família”, com conotações espaciais que estabeleceram intimidades nas experiências, memórias e significados de toda uma vida antes da migração definitiva de lá. Sua moradia em Castanhal também é apontada como “a minha casa”, mas com conotações de uma habitabilidade espacializada como o “alugado”.

Na ânsia de alcançar metas para ter um futuro melhor por meio da migração, o ato de morar pode ser palco de locais que podem ser vividos apenas temporariamente, por um valor de aluguel estipulado por alheios à vida do migrante e com significação direta de viver em meio a instabilidade nos lugares, haja vista, a transitoriedade constante nas percepções de familiaridade e reconhecimento de lugares tão íntimos como a casa. Percepções do migrante pendular sobre a sua casa

acabam sendo dissociadas das vivências e experiências cotidianas, desenraizadas porque envolvidas num conjunto de lugares vivenciados de forma “totalmente diferente”, típica da contemporaneidade vivida cada vez mais dentro de grandes fluxos, que tornam a presença migrante fluída pelos lugares devido uma existência situada no dispersar de afetividades e atividades em diferentes cidades.

Cidades de moradia onde se vive direcionado a um único aspecto do cotidiano, em detrimento de outros aspectos que formariam um viver e morar pleno nos lugares. Ainda assim, certa fala do estudante-migrante 3 demonstrou que viver, mesmo por apenas alguns momentos do dia, com a família é relatado como essencial para que se submeta ao ir-e- vir diário, em detrimento de uma migração permanente para Igarapé-Açu que talvez até pudesse gerar menos desgaste físico: “Por mais cansativo que seja [a pendularidade], eu moro com a minha família e venho dormir aqui em casa, eu vou estar perto dos meus pais e isso é muito mais importante pra mim [...] é melhor do que estar lá [em Igarapé-Açu] só porque, de alguma forma, vai ser menos cansativo”.

Bachelard (1974, p.197) ajuda a compreender estas relações entre Ser-Casa com suas explanações topofilicas sobre este processo: “em nossas próprias casas não encontramos redutos e cantos onde gostaríamos de nos encolher? Encolher pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se”. Entretanto, as consequências de um “encolher-se” diariamente impactado, para migrantes pendulares expostos à constante transitoriedade, possibilita a casa não ser encarada necessariamente como lugar onde é possível reconhecer estabilidade, familiaridade e proteção, como coloca a estudante-migrante 4: “[...] eu aluguei aqui porque fica próximo de eu pegar van [...] fica perto de onde eu pego a van pra Igarapé-Açu... a localização... por isso que eu não me mudo

daqui [...] aqui é inseguro a noite, deserto, aí fica um pouco ruim pra mim, mas eu não me mudo daqui por causa da localização [...] pra estudar”.

A moradia é compreendida como local de risco em certo período do dia, mas é facilitadora do processo migratório, valendo a pena residir e **estar** localizada em um local que, ao menos, representa menos transtornos e mais proximidade com o principal ponto referencial para seu habitar no município: o local de “pegar van”. Este ponto referencial acaba por representar um local que simboliza claramente, o significado de uma vida-no-movimento que faz migrantes construírem as bases do ato de morar num ato de habitar-no-movimento, constituído justamente para mantê-los o melhor possível dentro da pendularidade.

Para pensar o habitar sob a égide da migração, Dal Gallo (2011) mostra que é necessário compreender que o ser é situado, e por isso inevitavelmente construtor do seu lugar-no-mundo. O fenômeno migratório quando assume importante papel na construção dos lugares, expõe uma perspectiva espaço-existencial⁴ que precisa ser colocada como enfoque necessário para entender como a vida na fluidez, mobiliza ou imobiliza a figura do migrante no espaço.

Em certa medida, este habitar-no-movimento pode imobilizar a dimensão espaço-existencial em locais considerados “inseguros”, mas manifesta-se como necessário para cumprir a principal meta de uma casa habitada só por estudos, e por isso, edificada nas percepções migrantes apenas para trazer o máximo de comodidade dentro da migração constante. A própria cidade da residência, acaba sendo

⁴ “Esta dimensão está no cerne das reflexões dos geógrafos humanistas, sendo ela considerada essencial para o entendimento do nosso ser-no-mundo. Pensamos que esta dimensão é fundamental para a compreensão da migração como uma questão ontológica. [...] A discussão sobre o migrar pode se tornar mais plena quando partimos do entendimento do ser. Pois afinal de contas, o âmago das implicações e questões que brotam do fenômeno migratório está no migrante, no ser migrante” (DAL GALLO, 2010, p.14).

percebida e imaginada para servir, principalmente, aos propósitos de criar locais na espacialidade local que permitam à vida migrante habitar sem tantas restrições espaço-temporais, mesmo sendo um habitar marcado por sensações de vulnerabilidade. Pensar esta vulnerabilidade se mostra essencial para a compreensão de um fenômeno que tanto expõe/impacta o migrante, tendo em vista que:

A fenomenologia dos riscos-perigos é necessária para que a vulnerabilidade seja compreendida em sua inteireza, não apenas como a incapacidade de responder a acontecimentos potencialmente danosos. Quando ampliamos a vulnerabilidade para sua dimensão intrínseca, como parte do ser e dos lugares, podemos incorporar as tensões segurança/insegurança e risco/proteção, ampliando o escopo analítico. [...] A vulnerabilidade é fundamental porque permite a incorporação abrangente de todos esses fenômenos, sendo a resposta do ser, em dado espaço-tempo, ao contexto de insegurança, risco e incerteza a que está exposto” (MARANDOLA JR., 2008, p.260).

O fato de estar nos lugares “por causa da localização” fomenta uma vida enraizada, justamente, no fenômeno responsável por desenraizar migrantes do espaço local todos os dias e expô-los a percepções intensas de desproteção e, por conseguinte, impedindo laços mais afetivos com a sua moradia. A migração pendular carrega consigo este risco aos lugares transitados diariamente: cidades inteiras passam a ser vividas como incógnitas aos migrantes, olhadas com distanciamento em relação a sua existência nelas, e sobre as quais há entendimentos que as definem como inapropriadas para o desenvolvimento de relações ser-lugar estáveis e duradouras.

Esta dispersão da relação presença-vínculos do migrante é percebida na fala do estudante-migrante 2, quando este encara uma possível migração definitiva de Maracanã, cidade de residência, para Igarapé-Açu sem tantos problemas: “[...] se fosse o caso, hoje, de

morar em Igarapé-Açu, pelo fato de estar lá diariamente eu acredito que encontraria menos dificuldade de que se eu nunca estivesse lá [...] eu moraria facilmente em Igarapé-Açu hoje, sem estranhar tanto”. A pendularidade termina por influir na construção de um espaço onde o migrante considera que desenvolveria sem grandes dificuldades o ato de morar, de se considerar um habitante legítimo, mesmo que isso signifique uma mudança que reestruture e cause o abandono de suas noções e memórias de lar, antes vinculadas à cidade natal.

A estadia constante em Igarapé-Açu por um longo período de tempo durante o dia, é entendida pelo migrante como um suporte existencial para reconhecer sua espacialidade na cidade, compreendida com importantes graus de intimidade devido o cotidiano pendular, a ponto de considerar o rompimento com a cidade natal um processo pelo qual passaria sem ser tão afetado, pelo menos nas suposições de seu imaginário. É a construção de um processo que para o mesmo estudante-migrante 2, tem como respaldo o empenho em buscar objetos e serviços: “[...] coisas que tem em Igarapé-Açu e não tem aqui [em Maracanã] a gente já sente falta e aí a gente queria estar em Igarapé-Açu [...] isso influencia nosso estado de morador mesmo do lugar”.

Tais “coisas”, termo indicado na fala acima, antes do processo migratório podem não ter tido significado algum, mas diante da rotina pendular são entendidos como necessários até mesmo para que o migrante se considere “morador mesmo do lugar” de origem. Igarapé-Açu é visualizada não apenas como o local necessário para alcançar metas, é também um espaço que, a partir da migração, permite ao migrante a construção de certos sentimentos de ter, possuir algo a mais, enquanto a cidade de origem revela-se como um espaço de interdição, da privação, podendo terminar por resvalar nas percepções que os

seus moradores formam sobre suas experiências como habitantes do espaço local.

É nesse sentido que Dal Gallo (2011) denota como fundamento primordial para a compreensão do fenômeno migratório, a partir de uma perspectiva espaço-existencial heideggeriana, o movimento como a busca incessante do migrante pela sua unidade na identidade, em outras palavras, encontrar as condições necessárias para ser ele mesmo o mesmo. Este princípio, denominado “mesmidade”, nos levou a pensar o migrante pendular como alguém em constante choque contra si mesmo e contra o espaço fluído por onde transita diariamente, visto que, o fluxo das viagens diárias pode assumir importâncias tão intensas quanto o próprio habitar e, portanto, colocar sua presença permanente na cidade de origem justamente como empecilho para encontrar a si próprio espacialmente.

O migrante expôs seu próprio lugar de moradia atrelado diretamente à falta de “coisas” que de alguma forma completariam sua vida, que promoveriam sensações de melhor *estar* no seu lugar de habitação porque seria um espaço completo para sua “mesmidade” lá. Emergem também certos traços de um discurso de justificação: se há abandono da cidade de moradia cotidianamente e não é possível uma vivência/presença/intervenção mais intensa nela, a culpa é da própria cidade que não propicia condições para sua estadia mais constante, que “expulsa” sua presença para Igarapé-Açu e interfere no seu “estado de morador”, impedindo-o de se reconhecer como um habitante mais ativo no município.

Este cotidiano de abandono e ausência é alvo de preocupações como nota-se na fala da estudante-migrante 1: “Eu enquanto formada aqui, pra Santa Isabel, vou procurar trabalhar, de certa forma, trabalhar pela educação para melhorar o meu município porque é através da educação daquilo que você leciona em sala de aula que

você vai conseguir melhores resultados futuramente”. A estudante-migrante vislumbrar que trabalhar no município, exercer sua atividade de formação acadêmica, precisa ser internalizada na sua futura prática como imperativo para suprir certo entendimento de que a migração causadora de sua ausência, devido os estudos em outro município, precisa trazer retorno à cidade que fez e faz parte da sua vida, uma dívida com o seu espaço de origem que precisa ser quitada.

A perspectiva de trabalhar em seu município de origem e “devolver” o tempo tomado pela fluidez diária de quatro anos traz consigo, a compreensão de que migrantes são cobrados a “agradecer” às cidades de origem pelos lugares que os abrigaram e os fizeram ser reconhecer nas relações ser-lugar, onde desenvolveram laços identitários responsáveis por alguma estabilidade, mesmo que tais percepções tenham passado por uma série de instabilidades e “esvaziamentos” dos seus significados por conta da migração pendular. Instabilidades e “esvaziamentos” dos sentidos de lugar, nas cidades de origem, encarados como constantes porque como indica a fala do estudante-migrante 3, transcorreram no passado, transcorrem no presente e talvez transcorrerão no futuro com o fim da pendularidade para Igarapé-Açu: “As minhas relações que tive com as pessoas que estudavam, que eu encontrava lá [em Igarapé-Açu] eu sei que eu vou perder [...] foi o mesmo sentimento que eu senti quando fui pra lá”.

O trânsito constante apresentou novos lugares, pessoas e vínculos afetivos à vida do estudante-migrante, mas impactou outras vivências e experiências há mais tempo conhecidas e familiarizadas, tolhendo relações construídas cuidadosamente na cidade de origem e já inclusive fomentando sentimento de perda e desconstrução dos significados estabelecidos em Igarapé-Açu, devido o eventual fim do curso. Como questiona e indica Dal Gallo (2010), a capacidade individual de cada

migrante ante este cenário de idas e vindas de relações migrante-lugar e migrante-outro, será decisivo nestas frenéticas readaptações a outras vivências e experiências:

Como o migrante em nosso tempo da modernidade líquida tem lidado com sua condição de transitoriedade? Como este tem orientado suas decisões diante da amplitude de escolhas? Pensamos que o migrante, nestas condições, se posta a auto-analise, a fim de descobrir o caminho, isto é, um caminho que garanta seu bem-estar e sua integridade existencial. A ele compete conciliar suas referências dispersas entre “aqui” e “lá” sem perder-se, sem ter a sensação esmagadora de ter deixado a si mesmo. Questões existenciais como: quem quero ser? Quem devo me tornar? A quem e a qual lugar pertencço? São questões de auto-reflexão feitas pelos sujeitos desde sempre. [...] A cada tentativa de respondê-las a capacidade do sujeito de encontrar um equilíbrio entre segurança e risco é colocada à prova. (DAL GALLO, 2010, p.20-21).

Ao mesmo tempo em que os estudantes-pendulares podem desenvolver tais percepções de “auto-análise” e “auto-reflexão” na desestruturação do cotidiano pendular, também são envolvidos por percepções que atrelam relações de distante-próximo à ideia de perda, de vivenciar as cidades sempre vinculadas ao aspecto transitório de experimentar no mesmo dia diferentes espaços.

Conotações de **estar** e **não estar** que precisam levar em conta a constante instabilidade de precisar se recompor e ressignificar lugares, em face do ganho e perda na convivência com outras pessoas e locais. Este cenário de vida-no-movimento-pendular termina por estabelecer um quadro de ambiguidades como clarifica a seguinte fala do estudante-migrante 3: “As pessoas que estão ao meu redor percebem que [...] se eu estivesse [morando] pra lá [em Igarapé-Açu] eu iria vir só aos finais de semana [...] me teriam só aos finais de semana”. Por

mais que não haja uma estadia por completo junto com a cidade de origem e as pessoas com as quais há forte afetividade, pelo menos a pendularidade não representa uma quebra mais forte nas suas relações diárias, ocasionando percepções gestadas entre o **aqui** e o **lá**, entre a origem e o destino cotidiano, dentro e pela pendularidade.

Nestes termos, viver no constante trânsito entre cidades traz o significado de uma vida pautada na instabilidade da presença do migrante nas cidades, de constante movimento que pode não proporcionar presença o suficiente para espacializar suas relações em lugar nenhum, ou submete-las a inconstâncias que fazem surgir sensações de estranhamento com pessoas e lugares anteriormente tão marcantes para a caracterização de suas experiências no espaço. Um processo cotidiano que pressiona a reconstrução dos lugares migrantes por conta da fluidez diária, impulsionando rearranjos e negociações nas relações ausência-presença nos lugares, com possibilidades de ora serem compreendidas como momentos normais no munda-da-vida do migrante, ora momentos desestabilizadores das suas relações.

TENTATIVAS DE (RE)CONSTRUÇÃO DO LUGAR

A pendularidade suscita percepções espaciais a tal ponto marcantes, que reestruturam os significados de simplesmente **estar** em algum lugar para cumprir um objetivo, uma meta, representando o transplantar diário de significâncias destruídas e reconstruídas a partir das atividades que atuam como vetor do processo migratório diário. Seamon (2013) lança o conceito de dança-do-lugar, um misto de variadas rotinas espaço-temporais e danças-do-corpo, colocadas pelo autor, respectivamente, como “um conjunto de comportamentos corporais habituais que se estendem ao longo de considerável porção

de tempo” e “um conjunto de comportamentos integrados que sustentam uma particular tarefa ou meta” (SEAMON, 2013, p.12).

A partir do movimento empreendido em curtas ou longas distâncias, a pé ou nos mais diversos tipos de automóveis, o corpo⁵ adapta-se, vivencia e experimenta objetivos pré-estabelecidos socialmente de diferentes formas, relação indivíduo-indivíduo, relação indivíduo-grupo, relação indivíduo-espço. Contando com a ideia de dança-do-lugar, entender a migração sob a perspectiva fenomênica ganha força para compreendermos os fluxos individuais e grupais que traçam para si estratégias para o alcance de metas, mas que longe de consolidar um movimentar-se mecânico, rearranja sensações, desejos e perspectivas que redefinem a própria maneira do corpo vislumbrar, imaginar e conceber origem-destino nas rotas diárias.

O migrante pendular, o ponto de partida na nossa compreensão do próprio fenômeno da pendularidade, se mostra e nos mostra como pode ser o verdadeiro motor que faz os lugares “dançarem”, “bailarem” numa confluência de fenômenos onde só a presença do migrante já altera o espaço que o recebe diariamente, visto que, alimentam-se expectativas sociais, econômicas, culturais, etc. Expectativas dos migrantes consigo mesmo, com outros migrantes e com os “naturais” do local de destino, fomentando novas maneiras de se relacionar com lugares cotidianos em meio ao constante trânsito.

O contexto espaço-existencial do fluxo pendular, certamente engendra várias limitações, porém ainda permite certa base para a manutenção de ligações essenciais com os lugares, compondo todo um sistema simbólico que emerge justamente no constante trânsito

⁵ Aqui o nosso entendimento sobre “corpo” corrobora com Merleau-Ponty (1999, p.194-195), quando afirma que: “enquanto tenho um corpo e através dele ajo no mundo, para mim o espaço e o tempo não são uma soma de pontos justapostos, nem tampouco uma infinidade de relações das quais minha consciência operaria a síntese e em que ela implicaria meu corpo; não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca. A amplitude dessa apreensão mede a amplitude de minha existência”.

entre as cidades. Tal concepção fica clara na seguinte fala da estudante-migrante 1: “[...] eu fui meio que adotando também Igarapé-Açu pra minha vida e também me sentindo um pouco parte dessa Igarapé-Açu que, antes, era desconhecida pra mim”. A fala migrante mostra o quanto o destino diário da trajetória, mesmo vivenciado por apenas algumas horas por dia, manifesta-se na experiência migratória um âmbito tão marcante para a vida, quanto a adoção de um filho, que se transmuta como a “adoção” de uma cidade tornada intrínseca à sua rotina cotidiana.

Dentro deste contexto, o fluxo migratório coloca ao migrante como indispensável a construção de um suporte identitário para melhor **estar** não apenas na origem diária, mas também no destino diário do ir-e-vir constante, até mesmo com importância semelhante à cidade natal. Neste sentido:

As identidades perdem assim seu caráter mais estabilizado [...] criando novas posições de identificação, mais plurais, menos unitárias e estáveis. Num mundo de crescente mobilidade, viveríamos numa espécie de produção de identidades constantemente “em movimento”. [...] Agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade. (HAESBAERT, 2008, p.406).

No caso dos migrantes pendulares, a indecidibilidade que não permite ao migrante considerar que está por completo em dado local e a agonia de uma vida em constante mobilidade, poderão gerar uma busca incessante e, em certa medida, desestruturante para estabelecer uma ligação reconhecível entre o espaço que se vivencia todos os dias nos locais de trabalho/estudos, e os espaços de origem como o lar e/ou município de origem diariamente abandonados.

Nas tentativas de reconstruir os sentidos de lugar, a seguinte fala do estudante-migrante 2 indica que não é preciso morar fixamente

em algum lugar para ter apreço por ele, nem percorrer ele por inteiro por vários e vários anos: “Meu vínculo com Igarapé-Açu está um pouco além da própria faculdade [...] eu creio que ficou uma relação um pouco cosmopolita”. A vida de migrante do universitário limita seus conhecimentos e reconhecimentos de Igarapé-Açu ao período de início do curso, cerca de quatro anos, e concentra suas atenções no Campus da UEPA, porém é o suficiente para que o município seja entendido como lugar de experiência diária, da vivência dentro da qual as viagens constantes significam não apenas cansaço e abandono-retorno ao município de residência, mas também um elo que cria novos vínculos, momentos de verdadeira consciência, troca e intimidade com novos lugares por onde transcorre sua vida (TUAN, 2013).

Por isso, afirmamos que as trajetórias pendulares não são apenas viagens diárias ligando ponto A ao ponto - B, afinal:

Falar da experiência da viagem não significa descrever a relação entre um ser e sua exterioridade, os espaços da viagem; é mais do que isso. Essa relação inclui uma intencionalidade, uma necessidade de presentificação entre as partes. O sujeito que visa e o objeto que é visado são copresentes e se confundem na textura mesma do ser no mundo (MEDEIROS, 2014, p.23).

As experiências dessa presentificação e copresença, sem dúvidas, sofrem ressonâncias de experiências espaço-existenciais anteriores ao fenômeno migratório como indica a estudante-migrante 1: “Igarapé-Açu [...] concentra um período, uma época do ano, um dia na verdade, que concentra tudo isso o que acontece aqui em Santa Isabel durante todo o ano, que é a Festa da Cerveja, o encontro das aparelhagens⁶,

6 “Em uma festa de aparelhagem, é possível que sejam tocados todos os estilos do tecnobrega, embora o que menos se escute seja a música propriamente dita. Todas as atenções estão voltadas para os DJs, que comandam, falam, mandam recados, abraços e aproveitam para vender CDs piratas mixados na ocasião” (BARROS, 2011, p.41).

essa questão do tecnobrega⁷, a gente sente ali na veia das pessoas”. O evento denominado Festa da Cerveja é entendido como um momento onde aparentemente, no imaginário da migrante, Igarapé-Açu e Santa Isabel se “tocam”, se assemelham de tal forma um ao outro que quebrariam barreiras que a afastariam de sentir ora a sua cidade natal, ora o município que por conta da migração faz parte de sua rotina cotidiana.

As tentativas de escapar ao constrangimento de vivenciar apenas um município como cidade constantemente reconhecida são constantes: com a Festa da Cerveja, o espaço como elemento da separação perde este significado em detrimento do espaço como semelhança, capaz de trazer à memória as percepções deixadas para trás todos os dias em sua cidade de origem. Os sentidos do corpo ganham significados fundamentais para, ao menos, tentar certo reconhecimento espacial diante do fluxo constante, pois ouvir o tecnobrega, ver as pessoas com trejeitos semelhantes e sentir a cidade se transformar por conta de momentos que remetem à cidade de origem, pintam um cenário de um espaço que não destrói as experiências tecidas anteriormente à migração.

E não apenas na cidade de destino diário da pendularidade, como clarifica o estudante-migrante 3, quando indagado sobre uma possível necessidade de migrar definitivamente e retornar apenas esporadicamente para sua cidade de origem: “[...] de alguma forma, o meu contato mesmo frente a frente com a pessoa ia mudar [...] não seria a mesma coisa porque não é mesma coisa estar falando com alguém por telefone e eu estar pessoalmente, cumprimentar, abraçar [...] não é a mesma coisa”. Como percebemos, as percepções dos cinco

7 “[...] estilo musical que atualiza com recursos da música eletrônica uma tradição musical desprezada pelas elites - a música brega romântica do Pará, produzida entre as décadas de 1980 e 1990” (BARROS, 2011, p.6).

sentidos do corpo que levam os migrantes a sentirem presencialmente a sua cidade de origem, principalmente **estar** com aqueles/aquelas que representam laços de amizade e familiaridade, dá um valor todo especial às vivências corpóreas no espaço, mesmo efetivamente desenvolvidas em diminutas porções de tempo.

Sentir carnalmente o lugar é intrinsecamente sentir carnalmente o calor humano, do outro, imensurável às tecnologias que prometem “encurtar” distâncias e aproximar as pessoas, confundido em certa medida, experienciar as texturas espaciais com experienciar texturas do corpo do outro. Como afirma Merleau-Ponty (2007, p.20) “a relação entre as coisas e meu corpo é decididamente singular: é ela a responsável de que, às vezes eu permaneça na aparência, e outras, atinja as próprias coisas; ela produz o zumbir das aparências, é ainda ela quem o emudece e me lança em pleno mundo”.

O estabelecimento desta relação/identificação entre o corpo e o mundo ao redor é um ato que assume contornos, onde **estar** em lugares onde se sinta bem é manter contato “frente a frente” com locais significados em grande parte pelas lembranças afetivas de/ com pessoas, principalmente no município de origem, inigualáveis em comparação a emoções sentidas a distância. **Estar** nestes lugares mesmo por tempo reduzido, acaba por expressar tentativas diárias de (re)construir as relações com os lugares, podendo ser um contraponto a uma realidade que coloca migrantes, por vezes, apenas como transeuntes em locais alheios às suas perspectivas e sonhos, caracteres de um espaço experimentado apenas por um determinado momento e logo abandonado sem qualquer outro envolvimento afetivo.

Uma reconstrução da lugaridade de migrantes pendulares que envolve relações de origem-destino, abandono-retorno diário, onde construir cidades como lugares reconhecidos de fato, necessita abranger os locais amplamente conhecidos por conta de um prévio

enraizamento de uma vida inteira, mas sem ignorar locais transitados/vividos dentro de uma rotina que os coloca como fundamentais, mesmo o migrante não sendo e nem pretendendo ser um morador deles. É preciso admitir que estar em constante transitoriedade espacial tem como possibilidade, apresentar o sentimento de multipertença, caracterizada por certa estabilidade nos laços de pertencimento e interconexão nas relações origem-destino engendradas nos lugares (HAESBAERT, 2004 apud DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2010). Aí levamos também em conta um importante âmbito da pendularidade: o tempo de estadia nos locais durante o dia enquanto preenchimento de significados.

Numa hipótese que não pode ser descartada, múltiplos locais podem acabar sendo marcados pela perda de familiaridade na relação origem/destino durante certo período do cotidiano e, em outro dado momento, levar o migrante a ter percepções espaciais que tragam à sua memória, durante determinada porção de tempo, uma vivência espacial que o leve a se reconhecer parte de algum lugar, visto que:

O espaço torna-se mais fluído. Mas pode ser suficientemente memorizado e reconhecido ao alcance da vista ou nos deslocamentos ocasionais relativamente frequentes. As referências visuais identificáveis até o horizonte tornam-se essenciais e ganham um valor simbólico (CLAVAL, 2007, p.190).

O valor simbólico presente no ato do migrante identificar-se na fluidez como alguém que vive em constante trânsito, revela-se como (re)construções que transformam meros locais de passagens, referenciais espaciais sem qualquer significado na vida anterior à migração, em lugares como símbolos de uma rotina que anima seus cotidianos por meio do fluxo migratório. É um fenômeno que marca migrantes pendulares e suas relações com os lugares de tal forma,

que não se trata apenas de suscitar novas percepções destes consigo mesmo e/ou entre migrantes e outras pessoas, mas manifesta-se a este grupo como possível criação e redefinição de lugares da vida significados como uma espécie de abrigo em meio ao fluxo pendular, à destarte, que são reconfortantes porque construídos para atender às vivências e experiências dentro do trânsito constante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para migrantes pendulares, reconstruir os seus sentidos de lugar engendra experiências espaciais em uma vida direcionada e traspasada pelo fluxo constante, que (re)constrói e transforma percepções diárias de atravessar as cidades, metamorfoseando suas percepções no/do espaço para dar vazão e familiaridade à novas lugaridades (re)estruturadas em meio à constante transitoriedade entre cidades. A capacidade de readaptação neste contexto de fluxo constante acabará por nortear a maneira pela qual, migrantes pendulares irão lidar com o fato de que os lugares antes tão comuns na sua vivência, se fundamentam por conta da migração pendular, justamente em percepções de ausência-presença desenraizantes, figurando um cenário compreendido como frenético abandono e retorno, em detrimento de permanência e estadia.

Longe de termos alcançado quaisquer concepções generalistas sobre estes migrantes que se deslocam diariamente, percebemos rotinas consideradas essenciais pelos estudantes-pendulares reconstruindo significados de cidades diferentes, mas experienciadas em um mesmo dia, e que terminam por abrigar vivências difusas e mutantes que incorporam novos significados: se reconhecer/se identificar no habitar está interligado diretamente com ausências-presenças diárias, onde manter e refazer relações com lugares dependerá da maneira como as dimensões simbólicas se desorganizam e reorganizam ante o fluxo.

As conversas com os universitários e universitárias revelaram uma dinâmica vivida que cobra sua própria capacidade de ter que se reconhecer e identificar, enquanto habitante de algum lugar que fica entre o local de estudo, a mobilidade diária e o seu lar. A pendularidade traz novas rotinas, as quais passam a suscitar novos significados à ausência e presença migrante em relação a âmbitos que se denotam íntimos, mas reestruturados por um fenômeno responsável por inevitavelmente impactar lugares que abrigam memórias, reconhecimentos, referenciais e as próprias maneiras de se visualizar o/no espaço.

Mais do que isso, a migração pendular monta um ir-e-voltar de representações espaciais dos indivíduos, fenômeno marcado pelo transplantar diário de significâncias destruídas e reconstruídas a partir de atividades que atuam como vetor do processo migratório diário. Significados diários recheados de sensações e apreensões que resvalam e impregnam municípios, transformados em espaços que podem acabar sendo considerados pelos seus habitantes aptos apenas a abrigarem percepções de passagem/trânsito. Nestes termos, há o risco de gerar-se um olhar de frivolidade porque cidades são adaptadas à busca para suprir necessidades construídas por ideários que se transvestem de oportunidades para alcançar certas demandas socioeconômicas, mas revelam uma verdadeira espacialização de instabilidades nas relações ser-lugar. ○

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço.** Traduções de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1974. [Coleção Os Pensadores]

BANDEIRA, Manuel. Vou-me embora pra Pasárgada. In: ANDRADE, Carlos D. (Org.). **Bandeira a vida inteira**. Rio de Janeiro: Ed. Alimbramento, 1986. p.90.

BARBOSA, Alexandre M. **Ciência e experiência**: um ensaio sobre a fenomenologia do espírito de Hegel. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BARROS, Lydia G. **Tecnobrega**: a legitimação de um estilo musical estigmatizado no contexto do novo paradigma da crítica musical. 2011. 226p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de Lugar. **Geograficidade**, v.5, n.1, p.4-19, Verão de 2015.

BRAGA, Leticia C. Caminhos pela Geografia Humanista: lugar, vulnerabilidade e fenomenologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16, Porto Alegre, 25-31 de Julho de 2010. **Anais**. Porto Alegre: AGB, 2010. p.1-8.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico - 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 13 de Setembro de 2015a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instituições de educação superior e cursos cadastrados**. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 13 de Setembro de 2015b.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. Ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?** 32. Ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1992.

DAL GALLO, Priscila M. **A experiência de ser migrante**: entre identidades e transitoriedades. 2010. 70p. Monografia (Bacharelado

em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DAL GALLO; MARANDOLA JR., Eduardo. O método do diário: buscando a experiência de ser migrante. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v.4, n.3, p.173-185, UFG/IESA, Agosto de 2010.

DAL GALLO. Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade. **Geograficidade**, v.1, n.1, p.44-58, Inverno de 2011.

HAESBAERT, Rogério. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva Geográfico-Cultural integradora. In: SERPA, Ângelo. (Org.). **Espaços culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: EDUFBA, 2008. Epílogo, p.393-419.

HEIDEMANN, Heinz D. Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação. In: Serviço Pastoral dos Migrantes (Org.). **Migrações**: discriminações e alternativas. São Paulo: Ed. Paulinas, 2004. Cap. 2, p.24-39.

HOLZER, Werther. Sobre territórios e lugaridades. **Cidades**, v.10, n.17, p18-29, 2013.

ITABORAHY, Nathan Z. Imagens geográficas dos caminhos da pesquisa: confissões cotidianas espacializadas. **Geograficidade**, v.3, n.1, p.39-49, Verão de 2013.

JARDIM, Antônio P. Algumas reflexões sobre o estudo das migrações pendulares. Anais do V Encontro Nacional sobre Migrações. ABEP. Campinas, 15 a 17 de Outubro de 2007.

KONESKI, Anita P. **Blanchot, Levinas e a arte do estranhamento**. 2007. 236p. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008. 278p. Tese

Lugares no movimento: experiências estudantis na migração pendular para o Campus X – UEPA/Igarapé-Açu (PA)

Felipe Ferreira Moreira

(Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

MEDEIROS, Aline L. N. **Tecendo geografias em viagens**. 2014. 143p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: *Perspectiva*, 2007.

MINAYO, Maria C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 Ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Cap. 3, p.61-77.

MONDARDO, Marcos L. Estudos migratórios na modernidade e na pós-modernidade: do econômico ao cultural? **Terra Livre: A Geografia no Tempo de Novos Conhecimentos**, Presidente Prudente, Ano 23, v.2, n.29, p.51-74, AGB, Agosto/Dezembro de 2007.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p.17-32.

SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. **Geograficidade**, v.3, n.2, p.4-18, Inverno de 2013.

STEIN, Carlos. *et.al.* **O astronauta de mármore**. Intérprete: Nenhum de Nós. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZmhSbgs5MCw>>. Acesso em: 23 de Março de 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

TRINDADE JR, Saint-Clair C. Cidades médias na Amazônia Oriental: das novas centralidades à fragmentação do território. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.13, n.2, p.135-151, Novembro de 2011.

Submetido em Janeiro de 2017.

Revisado em Abril de 2017.

Aceito em Outubro de 2017.